

LÍVIA MASCHIO FIORAVANTI

**TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NO
COMBATE AO RACISMO**

SALGUEIRO -PE

2026

LÍVIA MASCHIO FIORAVANTI

**TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NO
COMBATE AO RACISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização Em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Maria de Araújo Pontes

SALGUEIRO -PE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F518 Fioravanti, Livia.

TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NO COMBATE AO RACISMO / Livia Fioravanti. - Salgueiro, 2026.
29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2026.

Orientação: Profª. Drª. Verônica Maria de Araújo Pontes.

1. Educação Profissional. 2. tecnologias audiovisuais. 3. racismo. 4. Educação Profissional e Tecnológica.. I. Título.

CDD 370.113

LÍVIA MASCHIO FIORAVANTI

**TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NO
COMBATE AO RACISMO**

Relatório de Formação apresentado ao curso Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IF Sertão PE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: 26/03/2026.

NOTA: 95

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) (Orientador(a) Verônica Maria de
Araújo Pontes
Instituição

Prof. (a) André de Araújo Pinheiro
Instituição

Prof. (a) Vanessa Maria da Silva Clemente
Instituição

SALGUEIRO-PE

2026

RESUMO

O uso de mídias digitais na Educação Profissional e Tecnológica difunde-se a cada dia no processo de ensino-aprendizagem, assim como a urgência de uma educação antirracista. Essa pesquisa teve como objetivo analisar criticamente o uso de tecnologias audiovisuais como ferramentas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem e no tripé ensino-pesquisa-extensão, a partir de experiências realizadas por discentes da Educação Profissional e Tecnológica em temas destinados ao combate ao racismo. Baseada em pesquisa autobiográfica, teceu reflexões sobre a prática docente a partir de experiências e vivências na EPT e indicou como a produção de tecnologias audiovisuais pode contribuir para o trabalho como princípio educativo e para uma educação emancipatória. Também apontou dificuldades encontradas para efetivar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um dos princípios básicos da Educação Profissional e Tecnológica.

Palavras-chave: tecnologias audiovisuais; racismo; Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

The use of digital media in Professional Technological Education - PTE has increasingly spread in the teaching–learning process, as well as the urgency of an antiracist education. This research aimed to critically analyze the use of audiovisual technologies as pedagogical tools in the teaching–learning process and in the teaching–research–extension triad, based on experiences carried out by students of PTE on themes aimed at combating racism. Based on autobiographical–bibliographic research, it developed reflections on teaching practice from experiences and lived situations in Vocational and Technological Education and indicated how the production of audiovisual technologies can contribute to work as an educational principle and to an emancipatory education. The study also pointed out difficulties encountered in effectively implementing the inseparability between teaching, research, and extension, one of the basic principles of Professional Technological Education

Keywords: audiovisual technologies; racism; Professional Technological Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	5
<i>2.1 Objetivo geral</i>	5
<i>2.2 Objetivos específicos</i>	5
	3 5
<i>3.1 O início de uma trajetória na EPT</i>	6
<i>3.2 Vivências e tensionamentos na EPT</i>	10
<i>3.3 Reflexões a produção de materiais audiovisuais para o combate ao racismo</i>	12
	4 19
REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória na Educação Profissional e Tecnológica quando passei no concurso para o Instituto Federal de Mato Grosso, em 2014. No campus de Primavera do Leste, campus a 250 quilômetros de Cuiabá, desenvolvi projetos de pesquisa e de extensão, além de ministrar aulas essencialmente para os cursos de Eletromecânica, Eletrotécnica e Informática. Em 2019, consegui remoção do interior do estado para o campus de Várzea Grande, na Região Metropolitana de Cuiabá, onde fiquei até março de 2025 ao ser redistribuída para o Instituto Federal da Paraíba.

Minhas experiências nos IFs ao longo de mais de dez anos envolvem ensino pesquisa e extensão em diversos temas e para os diversos cursos. Já ministrei aulas para os cursos de Ensino Médio Técnicos Integrados em: Informática, Edificações, Eletromecânica, Eletrotécnica, Logística, Desenho de Construção Civil e Meio Ambiente. No IFMT, contribuí pontualmente com dois cursos de graduação: orientando e participando de bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso no Curso de Tecnólogo de Gestão Pública e ministrando a disciplina de Gestão Ambiental no curso de Engenharia de Controle e Automação. Mais recentemente, no IFPB, tive oportunidade de contribuir com orientações no Ensino Médio e no curso de Tecnólogo de Gestão Ambiental, além de ministrar as disciplinas de Organização e Gestão do Território, no curso de Especialização em Gestão Ambiental dos Municípios, e de Metodologia da Pesquisa no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Cursar a Especialização de Docência na Educação Profissional e Tecnológica veio de uma preocupação de melhorar minha formação e atuação em sala, bem como a partir de processos formativos que tivemos na revisão dos Projetos Pedagógicos de Curso em Várzea Grande e trabalhando com práticas profissionais integradoras e pesquisa e trabalho como princípios educativos. Lecionar geralmente “a mesma Geografia” em cursos tão distintos, como Logística, Desenho de Construção Civil ou Eletromecânica, e muitas vezes sem diálogo com demais colegas docentes, sempre foi uma situação que me inquietava. Ao mesmo tempo, a própria sobrecarga do dia a dia ia minando algumas práticas pedagógicas mais motivadoras. Uma boa experiência que nos fez pensar em atividades e avaliações integradas conforme o curso e o perfil

formativo dos estudantes ocorreu entre os anos de 2020 a 2021, quando, forçados pela pandemia de Covid e ensino remoto, fomos instigados a pensar em atividades integradas de modo a não sobrecarregar os estudantes com uma série de atividades isoladas.

Este trabalho tem como ponto de partida um conjunto de atividades pedagógicas que permitiram unir pesquisa, ensino e extensão, com frequência trabalhadas de modo bastante fragmentado. Baseado em pesquisa autobiográfica, este trabalho de conclusão de curso, além de relatar minha trajetória e experiências formativa, discute reflexiva e criticamente atividades que estão ligadas à produção de materiais audiovisuais realizados por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio Técnico Integrado em Logística, Edificações e Desenho de Construção Civil, nos anos de 2025 no IFMT, e por estudantes do primeiro e segundo ano dos cursos de Ensino Médio Técnico Integrado em Informática e Meio Ambiente.

A ideia inicial desenvolvida no IFMT veio justamente ao poder articular o conteúdo de diversidade da população brasileira (geralmente tratado no último ano dos Ensino Médios) com tecnologias audiovisuais como ferramentas pedagógicas. Essa experiência veio de duas inquietações: a primeira era que como docente precisava trabalhar em sala de aula com temas como preconceito racial, já a segunda envolvia permitir que os estudantes também usem ferramentas que são mais próximas de seus cotidianos, como a realização de vídeos.

Tais atividades foram desenvolvidas em dois momentos distintos: o primeiro realizado no IFMT e essencialmente destinado à produção de documentários, e o segundo no IFPB, também na forma de audiovisual, mas agora com vídeos também na forma de curtas-metragens e materiais que também avaliavam a criatividade de cada grupo. Em ambos os momentos, conectam-se diretamente com a minha realidade vivida e observada em sala, na medida em que experiências mostravam o engajamento dos estudantes em atividades que envolviam o uso de tecnologias e mídias digitais. Para além disso, também era necessário lidar com temáticas em sala de aula, tanto por já ter vivenciado casos de racismo recreativo entre os estudantes, quanto por precisar contribuir como professora de Geografia para uma educação antirracista e decolonial.

Em sala de aula, vivenciei vários casos em que a diversidade não era

respeitada, tanto pelos colegas dos estudantes quanto pelos próprios servidores. Quando iniciei na EPT, também não tinha dimensão da importância da existência dos núcleos Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) e Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (Nugeds) para assegurar o cumprimento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

Trabalhar com estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado no IFMT e no IFPB, com temas sobre racismo, violência de gênero, desenvolvendo a elaboração de materiais audiovisuais (assim como em demais mídias digitais), apresentou-se como desafio em minha realidade profissional e colocou como desafio um dos saberes da docência, conforme vimos na disciplina **“A docência na EPT: Contingências históricas e práticas inspiradoras”**, que tenho mais dificuldade: o “saber tecnológico”, mobilizando também saberes interdisciplinares e de pesquisa ao exigir aprofundamento dos conhecimentos disciplinas e integração com outras áreas do saber.

A tecnologia é compreendida como uma ferramenta de mediação no processo de ensino-aprendizagem. As tecnologias da informação e comunicação não só nos proporcionaram novas formas de nos relacionar com os outros, mas nos possibilitaram um saber democrático devido à sua ubiquidade.

Como coloca Oliveira (2022, p. 2), “Se por um lado a realidade atual é marcada por uma maior democratização do acesso às tecnologias digitais, por outro, criam-se tensões inerentes às mudanças ocasionadas pela cultura digital.” Assim, é preciso usar a tecnologia como uma ferramenta, sem pular etapas no processo de aprendizagem e de construção do conhecimento. Também cabe a nós, docentes, ensinar e aprender com os estudantes sobre essas ferramentas, para que seu uso contribua com uma efetiva construção do conhecimento e uma educação emancipadora.

O uso de tecnologias audiovisuais e, especialmente de vídeos no caso deste relato de experiência, constitui-se em uma das formas de efetivação do trabalho como princípio educativo e um caminho para a educação omnilateral e na formação humana integral (Moura, 2007; Frigotto, 2012; Ministério da Educação, 2024). Insere-se em um contexto que permite articular práticas e ferramentas pedagógicas na Educação Profissional e Tecnológica com a cultura digital, contribuindo para preparar futuros

profissionais para um mundo do trabalho. Para Encarnação *et al* (2021), a elaboração dos documentários pode contribuir para a superação de uma visão tecnicista e fragmentada do ensino, possibilitando, conforme Frigotto (2005) e Ramos (2014), a formação omnilateral e a formação múltipla, na qual o sujeito percebe o mundo em sua amplitude de caminhos e entendimentos

A atividade de elaboração dos documentários no IFMT contou com “mediação pedagógica” e “mediação tecnológica” – usando termos de Oliveira (2022) – e permitiu que os estudantes pudessem se deparar com situações que os permitissem desenvolver enquanto ser humano nas relações sociais, culturais e afetivas (Frigotto; Ciavatta, Ramos, 2013).

Esta temática é importante para a Educação Profissional e Tecnológica na medida em que o uso de tecnologias audiovisuais, especialmente ligadas a temas sobre combate às violências raciais e de gênero, contribui para a superação de uma visão tecnicista e fragmentada do ensino, com a formação omnilateral e para a formação múltipla. Os estudantes precisaram se organizar e trabalhar em equipe, além de vivenciar situações importantes para a vida profissional, como se preparar para uma entrevista em um ambiente externo, se apresentarem e falar para uma câmera, além de temas fundamentais para formação cidadã.

A atividade permitiu o protagonismo estudantil, desenvolveu a criatividade, colaboração, pensamento crítico e permitiu que os estudantes trabalhassem em grupo e lidassem com a resolução de problemas. Tais competências transversais serão cobradas pelos egressos do curso no mundo do trabalho. Além disso, a elaboração de documentários e demais recursos de vídeo, assim demais usos de diversas ferramentas da cultura digital se configuram em um caminho para uma educação crítica e emancipatória, contribuindo para uma sociedade mais justa e diversa a partir da sala de aula no combate às diversas, inúmeras e persistentes formas de preconceito, discriminação e violência.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo geral analisar criticamente o uso de tecnologias audiovisuais como ferramentas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem e no tripé ensino-pesquisa-extensão, a partir de experiências realizadas por discentes da Educação Profissional e Tecnológica em temas destinados ao combate ao racismo.

2.2 Objetivos específicos

Dessa forma, apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Problematizar a produção de tecnologias audiovisuais e mídias digitais no processo de ensino-aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica, indicando limites e potencialidades observados a partir de ações realizadas entre 2025 e 2026 no IFMT e no IFPB;
- Refletir sobre os temas fundamentais na Educação Profissional e Tecnológica, dentre os quais o racismo, e a produção de mídias digitais podem contribuir para o trabalho como princípio educativo e para uma educação emancipatória;
- Fomentar reflexões sobre a prática docente a partir de experiências e vivências na EPT;

3 TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS E UMA EDUCAÇÃO ANTIRACISTA

Este trabalho tem como base uma pesquisa autobiográfica, ou seja, tem nas histórias de vida o método de investigação qualitativa e prática de formação, possibilitando que o narrador-pesquisador reflita sobre seu percurso de formação, seja formal, seja não-formal ou informal (Passegi; Souza; Vicentini, 2011). Essa “grafia de si”, nas palavras de Bezerra *et al.* (2024), integra um processo formativo e reflexivo sobre o conhecimento e as práticas docentes na EPT, na qual os relatos autobiográficos, como este Trabalho de Conclusão de Curso na forma de memorial e conforme vimos na **disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III**, permitem articular, conforme Passegi, Souza e Vicentini (2011), por meio da escrita, as “experiências referências” pelas quais passamos.

(...) não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização (Passegi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

É no contexto da pesquisa autobiográfica que Urbanetz (2024) destaca a importância da articulação da questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso com a minha trajetória profissional e formação, de modo a evidenciar, como será feito nos tópicos seguintes, os motivos da escolha desta temática e como ela se relaciona com minha trajetória pessoal e profissional. Assim, permite que nos coloquemos no papel de um “narrador que vivencia uma experiência de reflexão sobre si mesmo” (Urbanetz, 2024, p. 7).

3.1. O início de uma trajetória na EPT

Minha formação acadêmica contribuiu para permitir que chegasse até aqui

como docente do IFPB. Em 2005, ingressei no Bacharelado e na Licenciatura em Geografia na USP. Em 2009, quando terminei os dois cursos, comecei a ministrar aulas brevemente em uma escola particular, onde fiquei 3 meses e logo fui chamada para a Prefeitura Municipal, permanecendo pouco mais de um ano com aulas para o Ensino Fundamental II. Foi uma experiência bastante cansativa diante da precarização docente da rede municipal e dos problemas sociais que se refletem em salas de sexto ano.

Pedi exoneração da Prefeitura Municipal quando consegui bolsa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) no meu mestrado, iniciado em 2010. Ter bolsa me permitiu me dedicar a várias atividades acadêmicas e vivenciar a universidade. Com o fim do meu mestrado e da bolsa, em 2013 comecei a lecionar em uma escola particular de elite em São Paulo, para 8º e 9º ano. Foi uma experiência com muito aprendizado e bastante difícil de lidar.

Passei no IFMT buscando possibilidades com os vários concursos que estavam abrindo naquele momento, em 2014. Escolhi a cidade de Primavera do Leste por ser mais próxima de Cuiabá (quatro horas de viagem), mas sem conhecer a cidade. Foi uma experiência muito boa sair de uma escola particular e poder acompanhar um campus logo em seu primeiro ano de existência. Conciliei minhas aulas no IFMT com meu doutorado na USP, finalizado no final de 2018.

As possibilidades de desenvolver ensino, pesquisa e extensão me fascinaram logo de início e tive a oportunidade de tentar articular projetos no IFMT com alguns dos temas que perpassavam as discussões do meu doutorado, sobre a urbanização na cidade. Muito embora já tivesse uma ideia sobre a atuação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão, conforme a própria Lei nº 11.892/2008 que institui os Institutos Federais, somente anos mais tarde teria a dimensão de que a EPT tem uma de suas finalidades articular ensino, pesquisa e extensão para o desenvolvimento socioeconômico regional e a formação integral do educando.

Assim, a produção do conhecimento que ultrapasse a produção da pesquisa em si e dentro dos muros da escola, mas de fato modifique e transforme a realidade das pesquisas e a realidade do local em que está presente. Conforme Ferreira (2018), o trabalho pedagógico é um eixo articulador entre ensino, pesquisa e extensão, com a produção de conhecimentos para a transformação da realidade. É neste sentido que

Abreu e Nascimento (2023) destacam o papel do docente:

Diante do cenário de valorização institucional para a efetivação da indissociabilidade entre ensino, extensão e pesquisa, e da importância dessa práxis para o projeto de educação emancipatório, destaca-se que o docente, em especial os professores dos Institutos Federais, constituem-se como elemento substancial, em meio à totalidade social, para a efetiva prática do tripé anunciado (Abreu e Nascimento, 2023, p. 321).

Assim, o docente tem papel crucial não somente para integrar o tripé ensino pesquisa e extensão, mas também pela atividade pedagógica ao transformar esses espaços por meio de uma interação dialógica entre comunidade acadêmica e sociedade (Castaman e Ferreira, 2024).

Em 2019, consegui sair do interior e ir para Cuiabá, onde fiquei até mês passado e conseguir redistribuição para o Instituto Federal da Paraíba, estando mais perto de minha família. Minhas experiências nos IFs ao longo de mais de 10 anos envolvem ensino pesquisa e extensão em diversos temas e para os diversos cursos. Além de aulas para os diversos cursos do Ensino Médio Técnico Integrado e em cursos de graduação, fui coordenadora da Especialização em Desenvolvimento Urbano, do IFMT Campus Várzea Grande, de 2020 a 2025, desenvolvendo um trabalho em temas bastante próximos de minha trajetória acadêmica. Foi uma experiência muito desafiadora (lidando com uma primeira turma na pandemia e com uma equipe reduzida), mas ao mesmo tempo me permitiu aprender bastante com docentes de outras áreas, especialmente da Arquitetura e Urbanismo, orientar diversos TCCs em temáticas muito interessantes e também apreender a lidar com as dificuldades de um cargo de gestão.

Estou há onze meses no IFPB trabalhando em disciplinas do Ensino Médio Técnico Integrado em Edificações, Meio Ambiente e Informática. Aqui, no semiárido do sertão paraibano, tenho outros desafios. Para quem cresceu numa metrópole como São Paulo, ainda tenho muito a aprender com meus estudantes e a realidade do sertão. São muitas as trocas: em uma mesma semana, enquanto precisei explicar o que era uma “rodoviária” para meus estudantes oriundos essencialmente da área rural ou de cidades de menos de dez mil habitantes (e minha explicação

possivelmente estava muito ruim, até um outro estudante me ajudou explicando que “era como um aeroporto, só que de ônibus”), também aprendi sobre a realidade de meus estudantes que vivem no campo e tem vários de seus familiares agricultores.

Na formação dos docentes para a educação profissional, é fundamental trabalhar diferentes formas de realização da transposição didática dos conteúdos específicos considerando a complexa diversidade apresentada por esta modalidade educacional e pelas dimensões econômicas, sociais e culturais das demandas dos contextos profissionais para os quais se formam os alunos (Machado, 2015, p. 21).

Neste pouco tempo, foi possível notar as inúmeras dificuldades que os estudantes têm para ir todo os dias ao campus, sobre os tipos de feijão e de palma, sobre as festas e hábitos regionais e muitas informações sobre a biodiversidade da caatinga. Essa nova realidade me remete muito ao que Paulo Freire coloca sobre o docente ser um agente ativo e mediador do processo educativo, aprendendo enquanto ensina (Freire, 1996).

Muito do que a EPT oferece para esses estudantes, como participação em projetos ou núcleos como Neabi, adquire vários obstáculos pela ausência de uma política de transportes institucional em algumas regiões do Brasil sem transporte público, como ocorre em Princesa Isabel. Aqui, grande parte dos alunos tem acesso ao campus somente quando os ônibus escolares realizam o trajeto, especificamente nos horários das aulas.

O relatório de Portella (2024), visto no componente curricular “**Fundamentos Teóricos e Didáticos da EPT**” a respeito dos dados sobre a EPT no Brasil, evidencia que os desequilíbrios na rede da EPT são mais acentuados quando consideramos a dimensão socioeconômica (Portella, 2024). Ao analisar a oferta considerando raça, gênero, condição socioeconômica e local de residência, o autor explicita que, de fato, para além da diferença entre rural-urbano ou da questão racial, a desigualdade de renda ainda se configura como um grande obstáculo na oferta da EPT.

Nesse sentido, em Princesa Isabel observei dificuldades vinculadas à renda dos estudantes e mesmo à impossibilidade de vivenciar as demais atividades, para

além da sala de aula, por uma ausência de transporte adequada e mesmo incipiência e precaridade do transporte escolar oferecido pelas cidades vizinhas, com frequentes atrasos. Essa questão se relaciona com a disciplina “**Práticas educativas para a permanência e êxito discente na EPT**”, na qual também refleti o quanto a realidade regional também me faz repensar minha prática docente, olhando para as demandas dos estudantes, institucionais e em como posso contribuir para essa realidade. Como afirmam Pasqualli, Viella e Vieira (2023, p.16):

A própria distribuição regional dos IFs imprime uma especificidade na atuação docente haja vista que o contexto de cada microrregião e dos municípios que a compõe é portador de muitas diversidades, sejam elas geográficas, populacionais, socioeconômicas, enfim especificidades que também dão seu tom à docência.

3.2 Vivências e tensionamentos na EPT

Em 2014, pouco sabia sobre Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Tinha uma ideia da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RPECT), que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) e de sua expansão, quando muitas vagas para docência foram criadas, mas sem ter a dimensão da importância da interiorização da educação e sua democratização, potencializando o desenvolvimento socioeconômico.

Meu conhecimento sobre a EPT foi sendo construído aos poucos. Não sabia quais eram exatamente as diferenças entre atuar na EPT e em outras modalidades de ensino. Foi somente com o tempo que se desvelaram, como colocam Pasqualli, Viella e Vieira (2023), o desafio da construção do conhecimento pedagógico do conteúdo para a EPT, como a construção da identidade docente da EPT nos Institutos Federais na medida em que existem características próprias de nosso trabalho, com particularidades específicas da área de atuação e aulas em diferentes níveis de ensino em função da verticalização. Esse aspecto foi um desafio para mim, que ministrei aulas desde o primeiro ano do Ensino Médio até a Pós-Graduação.

Sobre os desafios inerentes e impostos à docência na EPT destacados pelos autores Pasqualli, Viella e Vieira (2023), destaco a integração curricular e preparação de aulas para os diversos eixos tecnológicos ao longo de minha trajetória e nos três campi pelos quais passei. Ao mesmo tempo em que esses eixos que compõem as ofertas dos cursos nos IFs atendem a demandas regionais e socioeconômicas, trazem desafios para a nossa prática e nosso processo formativo. Buscando atender parte dessas demandas nos eixos de Meio Ambiente, realizei uma especialização em Geoprocessamento e um curso de aperfeiçoamento em Educação Ambiental.

Um ponto que impacta diretamente a minha trajetória na EPT e de demais colegas e estudantes são as questões orçamentárias e de valorização ou não da RPECT conforme as políticas de governo e que impactam diretamente na qualidade do trabalho desenvolvido nas diversas políticas institucionais, como as de inclusão.

Outro desafio que encontrei ao longo desses anos foi a carga horária elevada em sala de aula em alguns semestres, gerando uma sobrecarga e reverberando em minha atuação em demais demandas institucionais. Além disso, a partir deste semestre já enfrentei a redução um curso (Edificações Integrado ao Ensino Médio) da carga horária de Geografia de duas para uma aula semanal. Essa redução da carga horária de Geografia e das Ciências Humanas como um todo é resultado de um tensionamento entre a escola para a formação para a vida ou para atender as políticas neoliberais.

Tanto com a redução da carga horária de Geografia com a Reforma do Ensino Médio de 2017 quanto em alguns momentos de revisão de Projetos Políticos Pedagógicos – com discussões mais acirradas sobre a carga horária de disciplinas técnicas específicas em detrimento de disciplinas do núcleo comum – foi possível perceber de modo bastante evidente que a EPT é um campo em disputa. É relevante salientar que o ambiente educacional necessita privilegiar a cidadania e não somente a produtividade econômica, mas o que se observa é que o neoliberalismo vem para agir de forma oposta à política educacional que se preocupa com os direitos de cidadania que foram sendo conquistados ao longo dos tempos.

Como afirmam Cunha e Pimental (2022), a retirada de parte da carga horária das disciplinas de humanidades da formação integral revela a retomada de um sistema de educação focado em formar mão de obra qualificada nos moldes exigidos

pelo capital, com pouco foco na reflexão crítica e a autonomia dos estudantes.

A reflexão que tecemos aqui vai ao encontro daquela que expressa pela professora Alcidema Magalhães, em nosso material didático Caderno Formação de Profissionais para a EPT na **disciplina Fundamentos Teórico-Didáticos**, a respeito da qual haveria um “campo em disputa”, entre aquele projeto de educação que procura formar profissionais para o mercado de trabalho e aquele outro que apresenta uma abordagem destinada à classe trabalhadora (Magalhães, 2024).

Não se pode esquecer, por fim, que embora os novos cursos e tendências da EPT que, embora devamos nos adequar ao novo mundo do trabalho, imerso e movido pela tecnologia, de atender o preconizado na própria lei de criação dos IFs (Lei 11.892/2008), em que deverá haver “atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional” (art.6). Assim, devemos, como educadores e pensadores, tensionar esses interesses, considerando uma educação emancipadora e que, ao mesmo tempo, atenda às demandas sociais, locais e regionais e do mundo do trabalho. Refletir sobre esse caminho e essas contradições já é uma forma para começar a melhor articular a realidade da EPT e o mundo do trabalho.

3.3 Reflexões a produção de materiais audiovisuais para o combate ao racismo

O uso de ferramentas da cultura digital permite também desenvolver e aprimorar competências transversais serão cobradas pelos egressos do curso no mundo do trabalho. Como vimos no componente curricular “**Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica**”, um exemplo é o uso de narrativas digitais, como o áudio, vídeo, mídias sociais, texto e elementos interativos. que dão voz aos estudantes e permitem a produção de conhecimento na e pela cultura digital. Esse vasto e diverso universo da cultura digital pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

Um dos exemplos de minha trajetória na EPT foi um projeto que desenvolvi em 2024 e 2025 no IFMT com a elaboração de uma narrativa digital por meio de documentários. A atividade foi desenvolvida em sala de aula, na disciplina de

Geografia, e como parte de um projeto de extensão denominado de Trabalho, Justiça e Cidadania (TJC) da Associação Nacional de Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA). Esse projeto teve como objetivo, em parceria com o IFMT e a faculdade de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso, aprimorar a formação em direitos a estudantes e professores.

Após como docente ter assistido a várias palestras no primeiro semestre de 2025 vinculadas ao projeto para capacitar os professores em temas previamente debatidos com os articuladores do Projeto TJC, realizei a proposta aos estudantes para que escolhessem temas que nós docentes do IFMT já havíamos participado de palestras e estudos sobre o tema. Foram colocados temas como assédio moral, assédio sexual, racismo, violência de gênero e trabalho escravo contemporâneo. O tema tratado neste TCC será especificamente o de racismo.

Após a escolha dos temas e formação dos grupos, compartilhei uma pasta no google drive com diversas cartilhas didáticas, artigos breves e reportagens. Pedi a leitura e que indicassem conceitos, ideias ou dados estatísticos que mais haviam chamado a atenção, além de se atentarem quais os direitos e como combater o problema em questão (exemplos: *o que é racismo? como combater o racismo? Quais os tipos de racismo? Como denunciar uma prática racista?*).

Essa atividade que desenvolvi na EPT se articula com muitas das discussões vistas na primeira disciplina de nosso curso (Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica), em que aprendemos sobre a “retroalimentação entre o indivíduo e o ambiente digital”. A retroalimentação entre o indivíduo e o ambiente digital, como trabalhado em aula, pode ser um caminho para fortalecer uma educação crítica e reflexiva. A mediação tecnológica e a cultura digital precisam, como vimos no texto de Oliveira (2022), de uma mediação pedagógica para uma o desenvolvimento do protagonismo estudantil, com o desenvolvimento da criatividade, colaboração e pensamento crítico. Assim, o uso de diversas ferramentas da cultura digital e dos mais diversos softwares e sites (*Google Earth, Kahoot, Meantminter, Google Classroom, Museus virtuais interativos*) se configuram em um caminho para uma educação crítica e emancipatória, que nos ajude a reduzir as desigualdades ao invés de reforçá-las.

O uso de ferramentas da cultura digital permite também desenvolver e aprimorar competências transversais serão cobradas pelos egressos do curso no

mundo do trabalho. Um exemplo, como tratado pelo professor, é o uso de narrativas digitais, como o áudio, vídeo, mídia social, texto e elementos interativos. que dão voz aos estudantes e permitem a produção de conhecimento na e pela cultura digital.

A elaboração do roteiro da produção do material audiovisual foi um ponto crucial para que pudesse acompanhar a atividade desenvolvida em seu processo, bem como indicar e encontrar bibliografias juntos com os estudantes e temas demandados. Tal procedimento contribuiu para que não fossem utilizadas de modo perigoso ferramentas de inteligência artificial ou sites como Wikipédia ou Brasil Escola, com respostas prontas e, muitas vezes, superficiais. Assim, a elaboração dos documentários necessitou também de recursos mais tradicionais, como o próprio Word e ferramentas simples de busca. Sendo assim, (...) “não se trata de substituir “antigas ferramentas” ou meios tecnológicos para fazer uso de recursos mais atuais e avançados ou privilegiar os meios, com outros recursos audiovisuais, e desprezar os processos de mediação” (Masetto, 2013 e Libâneo *apud* Oliveira, 2022, p. 10)

A elaboração do roteiro foi acompanhada de perto, dentro do possível, por mim que, em alguns grupos, pedi que refizessem a atividade por ter considerado que havia muito texto com poucas ou nenhuma citação do material selecionado, além de um possível uso de Inteligência Artificial para escrever e selecionar as informações. Aproximadamente um mês depois e após correções nos textos, solicitei que escolhessem em qual formato queriam apresentar.

Embora a elaboração de documentários tenha contado com meu acompanhamento próximo como docente e engajamento dos estudantes nas entrevistas e filmagens em campo (**figura 1**), contou com muitos obstáculos ligados à mediação tecnológica e mesmo ao processo educativo.

Figura 1. Fotos de grupos realizando entrevistas para os documentários



Fonte: IFMT, jun. 2025

Apesar de ter acompanhado e orientado a elaboração dos resumos e seleção de informações, na etapa de elaboração do roteiro, muitas vezes os estudantes apareciam com informações equivocadas, textos truncados e palavras que inclusive falaram errado na gravação das cenas (como “estereótipos”). Um grupo citou dados que aparecem na música do Racionais MC’s trazendo dados de 1997 (sem saber nem o ano tampouco a fonte) indicando que nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos eram negros, ou seja, dado muito ultrapassado ao que nos revela o Censo de 2022. Alguns dos grupos que tiveram mais interesse refizeram algumas cenas devido a esse tipo de problema.

Acredito que o ideal seria que pudessem ter tido tempo para ler os materiais no próprio campus, no Laboratório de Informática, ou que pudéssemos ter acompanhado até o uso de inteligência artificial de modo mais adequado. Todavia, todos os horários do Laboratórios e possíveis aos estudantes são destinados a disciplinas que precisam necessariamente do uso do computador, como desenho técnico em Autocad.

É um desafio integrar a cultura digital com o processo de ensino-aprendizagem com conteúdos da disciplina que devem ser apreendidos pelos estudantes. Embora os estudantes tenham mostrado desenvoltura na edição dos vídeos, houve a sobrecarga de um integrante da equipe (com mais habilidade nesse tipo de edição) e alguns problemas vinculados a acesso à internet (agravados pelo fato de não haver no *campus* internet sem fio disponível aos estudantes), ferramentas pagas de edição

nos aplicativos, celulares travando ao editar ou com memória insuficiente e mesmo dificuldades elementares no uso do *google drive*. Grande parte dos estudantes também não contava com notebook, tornando mais difícil a edição de vídeos longos somente pelo *smartphone*.

As inovações nos setores da informação e comunicação trouxeram a necessidade de pensar as aulas com a cultura digital, pensando uma produção do conhecimento a partir de ferramentas acessíveis e intuitivas. As inovações tecnológicas ligadas à informação e comunicação, embora abram caminhos e tenham um enorme potencial como foi visto na elaboração de documentários com gravação e edição pelos próprios estudantes, também esbarrou em alguns obstáculos, como o uso de inteligência artificial sem o devido cuidado na etapa de elaboração do roteiro ou mesmo dificuldades de acesso a ferramentas que hoje consideramos mais simples e intuitivas, como o *google drive*.

Como observei nesta experiência como docente, permitiu que os estudantes se deparassem com situações que os permitissem desenvolver enquanto ser humano nas relações sociais, culturais e afetivas (Frigotto Ciavatta, Ramos, 2013). Esse desenvolvimento dos documentários permitiu que ouvisse vozes de estudantes que raramente ou nunca tinha escutado em sala de aula, permitiu que o grupo desenvolvesse habilidades de trabalho em grupo e mesmo a importância da leitura prévia, sem ‘pular etapas’ e ir direto para as gravações. Perceberam isso quando indiquei termos ou definições pouco precisas ou dados sem fontes, situações que seriam evitadas com a pesquisa e estudo prévio, conforme as instruções iniciais e cronograma. Foi uma experiência que me marcou bastante e permitiu que também desenvolvesse a pesquisa como princípio pedagógico e refletir sobre “o que” e “como” a escola ensina, contribuindo para um aprendizado plural e um ensino participativo, solidário e acolhedor (Mantoan, 2003).

Como foi visto na disciplina “**A Pesquisa e a Extensão no Trabalho Pedagógico da EPT: teorias e didáticas**”, ensino, pesquisa e extensão são dimensões constitutivas do trabalho pedagógico e é por meio delas que ocorre a produção e sociabilização do conhecimento, integrando saberes. Essa indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão assume um carácter transformador ao buscar a formação integral e politécnica. Por meio dessa atividade

de produção de material audiovisual, foi possível observar que só se faz ensino com pesquisa e que ensinar também é pesquisar e pesquisar também é uma forma de aprender (Cunha, 2013). Como afirmou Freire (1996, p. 32): "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino".

Essa prática de ensino-pesquisa e extensão me fez refletir sobre o que vimos no componente curricular "A Pesquisa e a Extensão no Trabalho Pedagógico da EPT: teorias e didáticas", na qual há uma unidade entre teoria e prática, entre o nosso fazer docente e a transformação social. Acredito que consegui, apesar dos vários obstáculos, promover a interatividade crítica e formação humana integral.

Rabelo (2021) ainda destaca que na indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão é necessário que haja uma articulação entre teoria e prática tanto no currículo quanto na formação dos professores.

Assim, defendo que o cotidiano e as experiências vividas e narradas dos diversos espaços-tempos de formação de professores sejam tomadas como centrais na formação, enfocando a relevância das narrativas que habitam os cotidianos da profissão docente, analisando sobre os processos pelos quais nos tornamos professores, o que no caso docente se torna peculiar porque o professor tem concepções prévias sobre o que é ensinar por ter vivido uma socialização prévia na escola. Tudo isso é fundamental para se pensar os currículos, a didática, os conhecimentos e questionamentos identitários comuns à formação docente, bem como para refletir sobre as redes de conhecimento e subjetividades, parcerias, cotidianidade na relação universidade-escola, bem como a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão (Rabelo, 2021, p. 43).

Os impactos sociais e educacionais foram diversos e muito gratificantes, na medida em que além de incentivarem os discentes a desenvolverem autonomia e utilizarem ferramentas digitais, também contribuiu, por meio da sala de aula, para combater o racismo. Como visto no texto de Santos, Neta e Santos (2024), bibliografia da disciplina "**Fundamentos Teórico-Didáticos**", há um longo caminho para a institucionalização das Leis 10.639/03 e 11.645/08 nos currículos e nas práticas de ensino-aprendizagem da formação profissionalizante. Juntamente com outros avanços, como a implementação dos NEABI e a lei de cotas, as diversas experiências

de ensino se destacam como ações para promover a igualdade racial (Santos, Neta e Santos, 2024)

Pude perceber por meio dessa atividade, e em meio a tantas outras ao longo de minha trajetória, que o trabalho pedagógico articula e dá sentido à pesquisa e à extensão, consolidando a formação humana integral e o trabalho como princípio educativo. Por um lado, percebi o engajamento dos estudantes e descoberta de temas tão importantes, como o racismo, e o papel crucial do trabalho pedagógico nesse sentido, incentivando que os estudantes compreendam e transformem sua realidade social e profissional. Por outro, foi também um processo bastante extenuante e solitário como docente, mesmo que com apoio pontual de vários colegas docentes. Nesse contexto, percebi a necessidade, como vimos na disciplina de “Pesquisa e a Extensão no Trabalho Pedagógico da EPT: teorias e didáticas”, de experiências concretas de integração que estejam previstas no currículo e façam parte da formação docente.

Assim, acredito que a atividade de produção de materiais audiovisuais de combate ao racismo permitiu, mesmo que pontualmente, romper com a fragmentação entre teoria e prática. Todavia, a fragmentação curricular surgiu como um obstáculo, sendo necessário, em trabalhos futuros, que práticas de ensino, pesquisa e extensão estejam previstas nos Projetos Políticos Pedagógicos no Ensino Médio Técnico Integrado por meio, por exemplo, de práticas pedagógicas integradoras (como vimos na disciplina de **Práticas Educativas Integradoras**). A oferta de cursos regulares de formação continuada ou mesmo projetos que envolvam vários componentes curriculares pode potencializar a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, um dos cerne da Educação Profissional e Tecnológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de minha trajetória na Educação Profissional e Tecnológica e das reflexões realizadas ao longo deste curso, é possível afirmar que o uso de tecnologias digitais na forma de documentários e demais formatos audiovisuais permitiu o desenvolvimento da educação omnilateral e a formação humana, especialmente ao tratarem de temas de combate ao racismo.

Por um lado, foi possível narrar a realização de uma atividade de ensino, pesquisa e extensão, indicando suas potencialidades e o quanto teve um caráter transformador e formativo, assim como tantas outras desenvolvidas na EPT no território brasileiro. Assim, percebi, por meio do que vimos no curso, que a pesquisa é um princípio pedagógico e dimensão essencial do trabalho pedagógico na Educação Profissional e Tecnológica.

Embora tenha presenciado ao longo de minha trajetória na EPT avanços no estudo das relações étnico-raciais nas práticas escolares, contribuindo para a educação integral, ainda há um longo caminho para que uma educação antirracista seja efetivamente uma realidade na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Da mesma forma, o uso de mídias digitais e de ferramentas audiovisuais contou como obstáculos que possivelmente podem ser encontrados nos demais *campi* dos Institutos Federais, como infraestrutura incipiente (como Laboratório de Informática e internet), estudantes que em grande parte não têm computadores para uso pessoal ou mesmo smartphones com boa capacidade de armazenamento e processamento.

Ao me debruçar sobre minhas experiências formativas e profissionais, percebi a importância da formação para a docência em EPT e do trabalho pedagógico para a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. Refletir sobre a minha trajetória e vivências permitiu revisitar meu percurso e atuação docente, de forma reflexiva, compreendendo e revisitando minha prática à luz de teóricas sobre a EPT e observando que ainda há muito para aprofundar e realizar em relação às finalidades e características dos IFs, incorporando o ensino integrado para a formação crítica e emancipadora dos estudantes e uma práxis transformadora.

No entanto, juntamente com esse embate e tensionamentos na EPT entre a formação para a vida e a formação para o mercado de trabalho, a educação vem transformando vidas e revolucionando trajetórias por meio da democratização da RPECT. Neste trabalho, não foram abordadas de modo mais aprofundado as dificuldades enfrentadas para a implantação efetiva de uma educação antirracista na EPT ou mesmo as barreiras vinculadas à infraestrutura dos campi e às condições socioeconômicas dos estudantes para o uso das tecnologias audiovisuais. Tais lacunas desdobram-se como possibilidades para pesquisas futuras, com análises mais detalhadas a partir da realidade e da diversidade regional dos *campi* da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. L.; NASCIMENTO, J. M. Formação do docente a partir da práxis do tripé ensino-extensão-pesquisa. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 9, n. 29, 2023.

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 2003**: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei n. 11.892**, de 29 de dezembro de 2009. Institui a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, cria os institutos federais de educação, ciência e tecnologia, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 29 dez. 2008.

BEZERRA, Edneide da Conseqção *et al.* **Escritas de si e processos formativos: reflexões sobre docência na EPT do IFRN Zona Leste** [livro eletrônico]. Natal: IFRN, 2024

CASTAMAN, Ana Sara; FERREIRA, Liliana Soares. "A pesquisa e a extensão no trabalho pedagógico da EPT: Teorias e didáticas". **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, LANTEC/PROSA, 2025. Disponível em: <https://sgmdnute.sites.ufsc.br/setec-materiais/pesquisa-extensao/pagina5.html>. Acesso em: 6 mar. 2026.

CUNHA, M. I. da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 3, p. 609–626, jul. 2013.

ENCARNAÇÃO Oliveira da Rosiele; JACQUES D'ÁVILA, Régis; XAVIER COUTINHO, Renato. A utilização de um documentário como recurso para práticas remotas em EPT. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 21, p. e11886, 2021. DOI: 10.15628/rbept.2021.11886. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11886>. Acesso em: 25 fev. 2026.

FERREIRA, Liliana Soares. Trabalho Pedagógico na Escola: do que se fala?. **Educação & Realidade**, v. 43, p. 591-608, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/dZCLTB8HzT8BW7CSXrJzF9M/?lang=pt> . Acesso em 06 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. **Excertos**, 2013. Disponível em: http://www.pb.iffarroupilha.edu.br/site/midias/arquivos/201179171745208frigotto_ciavatta_ramos_o_trabalho_como_principio_educativo.pdf . Acesso em 25 mar. 2025.

INSTITUTO Federal de Mato Grosso. 03. jun. 2025. **Estudantes do IFMT-VGD são premiados pelo Programa Trabalho, Justiça e Cidadania (TJC)**. Disponível em <<https://ifmt.edu.br/conteudo/noticia/estudantes-do-ifmt-vgd-sao-premiados-pelo-programa-trabalho-justica-e-cidadania-tjc/>> . Acesso em 15 set. 2025.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. DIFERENCIAIS INOVADORES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 8–22, 2015. DOI: 10.15628/rbept.2008.2862. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MAGALHÃES, Alcidema Coelho. Núcleo Comum: Trabalho – Educação. Fundamentos teórico e didáticos I. **Caderno Formação de Profissionais para a EPT**. SETEC MEC, 2024.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo, SP: Summus, 2003.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Holos**, Ano 23, Vol. 2 – 2007

OLIVEIRA, Achilles Alves de. Mediação pedagógica e tecnológica: conceitos e reflexões sobre o ensino na cultura digital. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-25, e-28275, abr./jun. 2022

PASSEGGI, M. DA C.; SOUZA, E. C. D. E.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369–386, abr. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?lang=pt>. Acesso em 06 mar. 2026.

PASQUALLI, R.; VIELLA, M. DOS A. L.; VIEIRA, J. DE A.. Desafio da docência na Educação Profissional e Tecnológica nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil. **Educar em Revista**, v. 39, p. e73172, 2023.

PORTELLA, Alysson; PATTO, Thiago. **Democratização da EPT no Brasil: Análise sobre a oferta considerando raça, gênero, condição socioeconômica e local de residência** [recurso eletrônico]. São Paulo: Itaú Educação e Trabalho, 2024. 76 p. Disponível em: <https://www.itaueducacaoetrabalho.org.br/biblioteca/publicacoes/democratizacao-da-ept-no-brasil>. Acesso: 01/02/2025

RABELO, Amanda de Oliveira. A relação entre ensino, pesquisa e extensão na formação docente. **Paidéia**: Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 16 n. 25 p. 29-50 jan./jun. 2021.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em <https://www.ifg.edu.br/attachments/article/32019/Hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-da-educa%C3%A7%C3%A3o-profissional.pdf> Acesso em 25 mar. 2025.

SANTOS, I. N. D.; SILVA NETA, M. D. L. D.; SANTOS, C. D. F. B. F. Relações étnico-raciais na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: uma revisão integrativa. **Educação em Revista**, v. 40, p. e41083, 2024.

Soares Cunha, M.; PIMENTAL, Álamo. Panorama Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. **Vivências**, 18(36), 25–45. Disponível em: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v18i36.702>. Acesso em 06 mar. 2026.

URBANETZ, Sandra Terezinha. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II (Docência). **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC)**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, LANTEC/PROSA, 2025. Disponível em: <https://sgmdnute.sites.ufsc.br/setec-materiais//tcc2-docencia/index-2.html?summary=open>. Acesso em: 6 mar. 2026.